

Pandemia do Coronavírus: tempos de recrudescimento da coerção e decadência do capital

POR LUIZ CARLOS DE ALMEIDA BATISTA PUSTIGLIONE

Técnico em Assuntos Educacionais (UFRJ) e Doutorando em Educação no PPGE/UFSC

RESUMO

Pretende-se neste artigo destrinchar algumas considerações e hipóteses para analisar as crises econômica e sanitária atuais e como estão imbricadas de maneira inevitável no atual cenário mundial, destacando a situação do Brasil. Procura-se tratar a questão viral sem descolá-la do problema social maior de nosso tempo, o capitalismo, projetando cenários futuros para os quais podemos apontar alguns elementos concretos da realidade, como é o caso da ampliação da vigilância e outros aparatos coercitivos sobre a população, em especial sobre a classe trabalhadora.

Palavras-chave: SARS-Cov2; Pandemia; Capitalismo; Luta de classes.

O mundo está sendo acometido de uma grave crise combinada: econômica e sanitária¹. O novo coronavírus que foi identificado inicialmente na China² e que se espalhou muito rapidamente pelo mundo expõe com muita nitidez a ganância do capital que pretende se apoiar numa emergência de saúde pública para adaptar-se, reinventar-se e seguir sua sanha exploratória em uma hipotética, mas cada vez mais próxima “nova normalidade”. É notória a tentativa de “normalizar” a precarização – a partir das diversas experiências de *home office* que pipocam em meio à pandemia -, a flexibilização de direitos, em especial da duração das jornadas, horários e condições de trabalho, reduções salariais e, conseqüentemente, ampliação da extração de mais-valor e exploração da classe trabalhadora.

1 Uma primeira e mais reduzida versão desse texto foi publicada no Portal Esquerda Diário no dia 1º de abril de 2020 em: <https://bit.ly/3cNJ7mm> Acesso em: 21 de abril de 2020.

2 “Pangolim, mamífero em extinção, pode ser possível hospedeiro intermediário do coronavírus, dizem cientistas chineses” <https://glo.bo/36mFYr7> Acesso em: 23 de março de 2020.

Pretendemos, ao longo desse texto, destrinchar algumas considerações e hipóteses que possam ser explicações razoáveis acerca dessas duas crises e de como estão imbricadas de maneira inevitável no atual cenário mundial com algumas “cenas excepcionais” a ocorrer no Brasil. A ideia é tratar da questão viral sem descolá-la do problema social maior de nosso tempo: o capitalismo – responsável direto pela situação deficitária das condições de combate ao novo vírus; a proposta é também projetar alguns cenários futuros para os quais podemos apontar com alguns elementos concretos da realidade, como é o caso da ampliação da vigilância e outros aparatos coercitivos sobre a população, em especial sobre a classe trabalhadora, e que têm sido largamente testados em meio a uma situação na qual o senso comum – ou pelo menos parte dele – passa a considerar aceitável que alguns deles sejam aplicados no combate ao espalhamento da SARS-Cov2³, dada a gravidade da situação.

Um problema anunciado diversas vezes e ignorado solenemente!

Não é de hoje que diversos autores e estudiosos da área da saúde e de outras áreas vêm apontando para a possibilidade de uma pandemia na proporção da atual. Como disse em recente entrevista o ativista digital Edward Snowden⁴: “Todo acadêmico, todo pesquisador que estava observando sabia que isso ia acontecer”.

Diversos outros patógenos antecederam o atual SARS-Cov2 na tentativa de evoluir e atingir uma combinação genética que permitisse a transmissão entre humanos⁵ em larga escala. Os elementos combinados que criam as condições ideais para que um vírus dessa potência surja são velhos conhecidos nossos: rotas de migração de aves selvagens, convivência com animais domésticos e cada vez menos áreas de floresta, bem como um farto mercado ilegal e pouco higiênico de carnes de caça no oriente (é importante frisar que o consumo de carnes de caça é comum na cultura culinária de diversos povos ao redor do mundo). Isso sem mencionar outros elementos ambientais que foram amplificados no capitalismo, como a grande concentração populacional em cidades apertadas e poluídas, a ausência de uma política de saúde pública e mesmo de saneamento básico para boa parte da humanidade, entre outros.

3 Em inglês, a abreviação Sars-Cov-2 significa: severe acute respiratory syndrome coronavirus 2; traduzindo para o português: Síndrome Respiratória Aguda Grave do Coronavírus 2.

4 “Edward Snowden alerta que os governos estão usando o coronavírus para construir ‘a arquitetura da opressão’” <https://bit.ly/3cTcZh9> Acesso em: 25 de abril de 2020.

5 “China Confirms New Coronavirus Spreads From Humans to Humans” <https://nyti.ms/2LKut3z> Acesso em: 21 de abril de 2020.

Para quem não é familiarizado com termos e não conhece a biologia das doenças, mas pretende “alfabetizar-se” acerca desses problemas, uma boa indicação é Mike Davis (2006), autor de “O monstro bate à nossa porta: a ameaça global da gripe aviária”. Nesse livro, o autor aponta uma série desses patógenos predecessores do novo Coronavírus e uma série de problemas que a humanidade caminhava para ter no caso de um deles conseguir superar o bloqueio da transmissão entre seres humanos. O eleito, por ele, como o principal possível inimigo foi o H5N1, que ficou mais conhecido como gripe aviária e que, por pouco, não antecedeu com possível taxa de mortalidade ainda maior a atual pandemia, feito também quase alcançado pelo irmão mais velho do novo vírus, o SARS-1. Também neste livro e em diversas reportagens publicadas à época de cada um desses surtos epidêmicos que foram controlados é relatada a matança de milhões de aves e suínos para que isso fosse possível.

O fato central aqui é que o acúmulo científico que se tinha sobre esse passado, aliado à evolução na produção de alimentos – em especial das carnes de aves e suína, mas não só – sob o modo de produção capitalista, que passou a concentrar a produção em enormes instalações em que dezenas de milhares de aves convivem amontoadas permitindo que um vírus que em outras condições não obteria a virulência que adquire ali, era plenamente possível antever e, acima de tudo, evitar que houvesse uma situação como a que estamos vivenciando⁶.

Ainda que não fosse possível evitar, pois no modo de produção capitalista essa é a forma consagrada de produzir-se carne, e evitar atividades ilegais como o tráfico silvestre não é exatamente uma prioridade do capitalismo, era possível ter preparado as condições dos sistemas de saúde nacionais ou ter possibilitado a construção de um sistema de saúde internacional que desse conta de uma pandemia dessa magnitude sem a perda de centenas de milhares de vidas ao redor do globo.

A contradição que o capital impõe para equilibrar ao seu modo saúde/doença de forma que gerem lucro às indústrias que cercam esse mercado foi impeditiva nessa possível, mas não realizada, preparação mundial para o surto. A grande indústria farmacêutica não tem interesse em pesquisar e produzir medicamentos de baixo custo e/ou de prevenção e acaba investindo em “necessidades” que remetem ao lucro imediato, como doenças crônicas (em boa parte geradas pela indústria alimentícia capitalista), impotência sexual etc.

6 Ver: “Big Farms Make Big Flu: Dispatches on Infectious Disease, Agribusiness, and the Nature of Science” <https://bit.ly/2LKwTzb> e <https://bit.ly/3cVtvx6> Acesso em: 15 de março de 2020.

Enquanto a indústria alimentícia prefere – por motivos de contabilidade financeira, com certeza – matar milhões de aves ou porcos quando surge um surto localizado para evitar sua ampliação do que investir em outras formas de produzir a carne ou ser obrigada a investir parte de seus lucros em programas permanentes de prevenção de epidemias e saúde pública.

Isso sem mencionar o mercado de vacinas que é pouquíssimo lucrativo, de forma inversamente proporcional à importância que possui o produto em questão. Não à toa os grandes produtores de vacinas no mundo são laboratórios públicos estatais e o país que se destaca na área é Cuba.

Nesse sentido, é provável que os países a serem destacados como melhores combatentes à atual pandemia do covid-19 acabem sendo aqueles nos quais a presença estatal é marcante, em especial pelas suas capacidades de reverter setores industriais para atendimento das demandas momentâneas, mas também pela sua capacidade de monitorar e intervir sobre os corpos dos cidadãos e sobre seus territórios.

A pandemia como elemento definitivo da imposição de uma vigilância total?

Em publicação recente⁷, David Harvey (2020) chama atenção para a tendência de que, ao cessar a crise pandêmica, os melhores exemplos de combate ao vírus sejam aqueles advindos da China e os piores dos EUA – com o Brasil tendo uma grande possibilidade de ser ainda pior. O elemento diferencial que o autor aponta e que nos parece bastante óbvio é a presença do Estado na economia, afinal, para a China foi fácil girar a produção industrial de determinados setores para produzir os equipamentos e insumos necessários para esse combate. Mesmo nos EUA, Donald Trump ordenou que duas grandes indústrias automotivas passassem a fabricar respiradores⁸, sem esperar que a mão invisível do mercado tocasse o coração de seus acionistas.

Esse exemplo chinês pode servir para fortalecer os argumentos dos setores que defendem uma maior cobertura estatal para determinadas necessidades humanitárias e para uma melhor equalização da desigualdade social. No entanto, não configura exemplo para aqueles que defendem uma superação total do capitalismo pela via

7 “Coronavírus e a luta de classes”. Livro para download. <https://bit.ly/2Tohskg> Acesso em: 15 de março de 2020.

8 “Donald Trump exige que Ford e GM produzam respiradores nos EUA” <https://glo.bo/3gd4OhK> Acesso em: 15 de abril de 2020.

revolucionária, afinal, diferente do que se apregoa nos discursos da extrema direita, a China está longe de ser um país “comunista”.

Ocorre que o exemplo chinês vem carregado de vigilância pesada e persecutória sobre sua população, afinal, a mesma facilidade que o governo chinês teve para virar determinados setores da economia na direção necessária, teve para ampliar o já forte sistema de vigilância estatal sobre seus cidadãos. Utilizando-se de aplicativos nos celulares, o Estado fornece *QR codes* (código de barra de resposta rápida) informando a condição de saúde da pessoa, o que permite que ela acesse ou não atividades essenciais como ir ao trabalho ou acessar um hospital, supermercado etc; além de aproveitarem a pandemia para ampliar os testes de pontuação social, adquirida através de “bom comportamento” perante os critérios estabelecidos e da utilização de câmeras de identificação facial e térmicas para controlar grandes fluxos ainda antes da interrupção mais generalizada da circulação de pessoas. Alguns destes mecanismos seguem sendo utilizados e aperfeiçoados, mesmo após aquilo que pode ser considerado um controle sobre a pandemia em território chinês⁹.

Na Coreia do Sul, assim como em Taiwan, Hong-Kong, Vietnã e outros países da região, também há notícias que dão conta da criação ou ampliação eficientemente rápida de um enorme esquema de vigilância e controle da circulação da população, que permitiu a esses países, em especial a Coreia, um combate mais “moderno” à pandemia, podendo parar determinadas regiões ou serviços com base em dados reais obtidos pela testagem massiva aplicada na população e/ou através de mecanismos digitais de contenção da circulação de pessoas.

Um dos “segredos” dessas políticas – para além da testagem massiva- foram pulseiras com localizadores por GPS que eram impostas às pessoas testadas e que não podiam ser retiradas (caso o fossem, um alarme disparava em uma central e essa pessoa poderia vir a ser presa) até que se fizessem novos teste para o recebimento de uma nova pulseira com outra identificação. Essas pulseiras permitiam que se saísse ou não de casa e determinava onde cada pessoa poderia estar. Os sinais de celulares também passaram a ser utilizados para rastrear os deslocamentos de cidadãos e impor determinados tipos de restrição. Pelo simples fato de uma pessoa contaminada ter passado perto de outra pessoa - e, portanto, de outro celular- e a primeira estar confirmada para covid-19, a segunda passava automaticamente a ser rastreada, por exemplo.¹⁰

9 Ver “China usa QR code digital para combater o coronavírus. Saiba como funciona” <https://bit.ly/2TKd4fP> e “China atribui código QR aos cidadãos para conter coronavírus” <https://bit.ly/2ZHUg4v>. Acessado em: 25 de abril de 2020.

10 Ver “Coronavírus: Ásia adota tecnologias controversas para vigiar população em quarentena” <https://glo.bo/2ZIIZ43> Acessado em: 28 de março de 2020.

Podemos estar em meio a um período no qual tentará se passar um aumento da coerção, em especial de caráter estatal, se comparado com o período anterior no qual buscou-se ampliar o consenso através da sociedade civil – considerado o estado integral gramsciano e o par dialético inseparável coerção-consenso. Ou seja, se antes buscava-se através preferencialmente da ideologia convencer aos setores mais explorados de que o mais conveniente para se viver nesse mundo era a meritocracia, o neoliberalismo e a busca individual pelo sucesso e, para isso, multiplicavam-se iniciativas para cooptar pessoas das classes subalternas, agora poderemos presenciar a inversão do polo nesse par dialético, com um aumento significativo dos aparelhos de repressão estatais – tendo a possibilidade de ainda posar como bom exemplo de combate à pandemia para o senso comum.

É preciso ser crítico frente a esta situação, pois se entendemos a gravidade da pandemia e da necessidade do isolamento social para um primeiro combate ao vírus, não podemos aceitar que tais medidas tornem-se uma nova panaceia que servirá para a contenção de toda e qualquer crise, não apenas as pandêmicas, como a atual, mas inclusive crises sociais com explosões de manifestações, o que interessa não somente à casta dominante da burocracia e burguesia chinesas, mas à burguesia mundial de conjunto.

Para não permitirmos que a humanidade atinja o cenário hipotético proposto no texto de Raúl Zibechi (2020) é importante que busquemos meios para garantir uma solução científica compatível com as técnicas e tecnologias disponíveis em pleno século XXI, que poderiam ser quarentenas orientadas por testagens massivas da população, por exemplo.

A história do capitalismo não pode nos permitir a ilusão de que só é possível essa solução repressiva através do aparelho estatal, pois, todas essas medidas coercitivas podem ser perfeitamente adaptadas a uma lógica de mercado mais próxima à realidade que vivíamos até essa pandemia em outras áreas, com empresas exercendo o papel terceirizado pelo Estado de controle populacional. Mas, dados os atuais questionamentos acerca da eficácia dessa lógica perante uma situação emergencial, feitos inclusive por expoentes do neoliberalismo ao redor do planeta, essa não parece ser uma tendência. Ao contrário, os indícios apontados já no início da pandemia são no sentido de que mesmo alguns governos declaradamente neoliberais irão apelar para o Estado.

Independentemente da forma como isso se constituiria em um futuro próximo, concordamos mais uma vez com Snowden quando, na mesma entrevista supracitada, ele afirma que dificilmente algum Estado ou empresa vai abrir mão dos dados e tecnologias obtidos na emergência da pandemia quando essa for superada. A utilização destes dados poderá servir fortemente ao propósito de ampliação da coerção social e a interdependência que vai

ser ampliada entre as empresas detentoras desses dados, os governos interessados em também utilizar-se dos mesmos e a população usuária de telefones celulares, o principal meio de obtenção.

Ouro elemento que merece atenção especial é que essa capacidade estrutural – ou preferência política - para lançar mão desse tipo de recursos tecnológicos não está ao alcance de todo e qualquer país no mundo de forma equânime, o que nos impele a refletir sobre quais outras formas de aumento da coerção são possíveis e nos leva, necessariamente, a refletir sobre a situação do Brasil que está, aparentemente, um ou mais degraus abaixo de outros países já citados no que diz respeito a alguns critérios.

Brasil: aqui o buraco é mais embaixo! E daí?

Em texto¹¹ publicado no início do período de isolamento no Brasil e diante de uma posição extremamente negacionista do governo federal perante a pandemia, Roberto Leher aponta que, por conta de termos um governo que ainda é difícil de nomear, mas cuja melhor aproximação conceitual seria fascista ou protofascista, temos um cenário que parece mais escancaradamente anti classe trabalhadora, ou que leva às últimas consequências a prática do darwinismo social. Seria sob essa lógica que se movimentariam o governo federal e os setores aderentes da burguesia ao negacionismo da pandemia e defensores da “volta à normalidade” ou da “quarentena vertical” que levará, de forma consciente, à morte de milhares – quem sabe milhões-, de trabalhadoras e trabalhadores.

Sem entrar no mérito da caracterização do governo definida pelo autor citado, a intenção é dar destaque para o fato de que, sob uma aparência de alucinação individual ou certo extremismo coletivo do que seria um pequeno grupo que cerca o núcleo central do poder executivo federal no país, o que está a efetivar-se é uma política de extermínio a partir de uma seleção nada natural, mas baseada em critérios de classe e orquestrada pela classe dominante brasileira.

Temos no Brasil, portanto, uma situação na qual não basta enfrentar a pandemia com base em critérios científicos e orientações técnicas, mas é necessário também um combate ideológico, pois é na ideologia que se baseia o discurso negacionista oficial. O que, para se confirmar basta abrir qualquer portal de notícias e analisar as falas do presidente da república ou de seus filhos e principais interlocutores, incluindo uma parte dos militares que ocupam importantes postos de primeiro escalão no governo.

11 Ver: Darwinismo social, epidemia e fim da quarentena: notas sobre os dilemas imediatos <https://bit.ly/2XvqOvS> Acessado em: 29 de março de 2020.

O autor do livro citado no início do presente texto, Mike Davis, alertou em texto publicado recentemente¹² que muitos aspectos sobre o novo vírus ainda são desconhecidos e assim permanecerão por, pelo menos, alguns meses enquanto pesquisas se desenvolvem ao redor do mundo. A partir dessa consideração, é possível conjecturar que ele ainda pode sofrer diversas mutações ao longo de sua jornada de contaminação da população mundial. Em especial, se desconhece quais os possíveis efeitos em países com baixa taxa de saneamento básico e graves problemas econômicos e sociais, como é o caso do Brasil e diversas nações do continente africano. Em outro texto que indica o mesmo sentido, uma infectologista da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)¹³ também já mencionou possíveis complicações desse novo vírus sobre a população tuberculosa, que é muito grande no Brasil, em especial no Rio de Janeiro, com maior gravidade nas favelas e em número assustador no sistema prisional.

Estamos, portanto, perante uma política deliberada de assassinato em massa da classe trabalhadora brasileira ancorada na oportunidade gerada por uma pandemia grave.

Essa gana não encontra, por outro lado, um polo de resistência que esteja à altura dos desafios que estão inevitavelmente impostos à nossa geração. Em outras palavras, há uma crise generalizada nas organizações de esquerda com alguma influência sobre o conjunto da classe que se reflete na completa falta de respostas ou de respostas completamente descoladas das reais necessidades e demandas que temos hoje diante da crise que vivemos.

Se é verdade que perante as declarações bizarras do presidente alguns governadores e prefeitos, ou mesmo um ou outro de seus ministros de Estado (demitidos ou demissionários no meio do caminho da crise), pareçam pessoas razoáveis, tomando medidas necessárias para que se estanque a crise que já se instalou e vai piorar ainda mais a já crítica situação da saúde pública brasileira, essas mesmas medidas não serão nem de longe suficientes para que evitemos que a política de extermínio de parte da população seja um sucesso. A cada dia que passa, o governo federal torna-se mais coeso em sua posição negacionista e ajuda a sufocar essa reação tímida e insuficiente dos governadores em conjunto com parte do empresariado, forçando reaberturas de setores e a consequente ampliação da circulação de pessoas.

12 Ver “Mike Davis sobre o COVID-19: O monstro está finalmente na porta” <https://bit.ly/3eqNR1A> Acessado em: 22 de março de 2020.

13 Ver “Pneumologista da Fiocruz: ‘mortes por Covid-19 não estão sendo diagnosticadas’” <https://bit.ly/3gwgnRc> Acessado em: 15 de março de 2020.

Em investidas mais recentes, o presidente tem comparecido a manifestações declaradamente golpistas que têm entre suas pautas exigências como o fechamento e a prisão dos ministros do Supremo Tribunal Federal (STF), a imposição de um novo Ato Institucional (AI-5) e uma “intervenção militar constitucional” (*sic*) mantendo Bolsonaro na presidência. Seria necessário um outro texto para analisar os possíveis cenários que poderão se desenrolar a partir dessas novas investidas, mas, para a finalidade desse texto, basta afirmar que seria pouco provável uma mudança brusca de regime para uma ditadura escancarada ou clássica, ainda que um fechamento bonapartista do atual regime seja uma possibilidade candente, com ou sem o mesmo presidente a ocupar o Palácio do Planalto.

Para a primeira consideração pesa o fato de não haver um expressivo apoio popular e um claro suporte por parte dos militares. Já para a segunda pesa a questão central deste texto, ou seja, o aumento da coerção legitimada pelo combate ao coronavírus em um país que tende a entrar em uma situação sanitária caótica. É mister frisar que essas não seriam as únicas saídas possíveis ou mesmo as mais desejáveis por parte das frações da classe dominante, portanto, há mais cartas em jogo e algumas rodadas para que sejam apresentadas.¹⁴

É factível pensar também que no Brasil não teríamos ações coercitivas tão “delicadas” como as de ordem meramente baseadas em parafernalias tecnológicas, semelhantes às tomadas na Coreia do Sul ou outros países citados, mas sim sob uma base mais consistente e tradicional de *porradas e cassetetes*. Resta o passar dos dias nos permitir verificar se funcionariam para que as pessoas fossem obrigadas a retomar seus trabalhos, mesmo sob riscos evidentes, ou se para frear uma mortandade que passasse do aceitável até mesmo para os padrões imaginados pelo presidente e seus círculos mais íntimos.

Algumas pinceladas para concluir

A figura de linguagem usada por Zizek (2020), que coloca o coronavírus como “Um golpe como o de ‘Kill Bill’ no capitalismo” é tentadora, pois, passa a impressão que o golpe final foi dado e bastam os próximos 5 passos para que o capitalismo morra, mas esbarra em um fatalismo pouco compatível com a dialética materialista e as diferentes experiências de crise que a burguesia já conseguiu atravessar mantendo o capitalismo de pé.

14 Sobre essa questão dos possíveis cenários, ver: “Hegemonia em disputa: a classe trabalhadora precisa entrar no jogo!” <https://bit.ly/2ZFedcd> Acessado em: 30 de abril de 2020.

A experiência historicamente acumulada pela classe trabalhadora pode nos indicar alguns pontos programáticos que poderiam ser difundidos e debatidos nesse processo, a começar pela necessidade premente de auto-organização para tomar o controle do combate à pandemia nas mãos da classe trabalhadora e de quem entende do assunto de fato, que são os trabalhadores da chamada linha de frente do combate à pandemia.

Isso significa redirecionar a produção de fábricas, estatizar cada leito privado no país sob administração centralizada dos trabalhadores do SUS, mas acima de tudo, **testagem em massa** da população, a começar por quem já está circulando e pode estar servindo de vetor assintomático do vírus, mas com a intenção de atingir o conjunto da população, sintomática ou não, pois, somente assim seria aceitável pensarmos numa retomada de determinadas atividades econômicas e sociais.

Essa retomada também não deve ser uma retomada da normalidade do ciclo de exploração e extração de mais-valia pela classe dominante, ao contrário. No que depender da classe dominante é provável que assistamos a uma onda de demissões e uma piora considerável das condições laborais daqueles trabalhadores que se mantiverem nos empregos, uma massificação do trabalho organizado (precarizado) e vigiado via Inteligência Artificial (*uberização*) para uma série de atividades, a generalização do trabalho remoto para diversas funções, o que libera a patronal de gastos significativos com espaço físico, energia, água, transporte etc. e que poderão recair sobre os próprios trabalhadores, entre outras possibilidades tenebrosas.

Tudo isso (inter)mediado por um forte sistema de vigilância e repressão eletrônica/digital como nem George Orwell, em sua melhor obra de ficção, seria capaz de pensar, mas que pessoas como Snowden e Assange alertam há tempos ser possível. Nunca foi tão necessário levá-los a sério como agora.

A classe trabalhadora brasileira e, também internacionalmente, precisará construir um caminho que seja consistente para superar esses planos que já acometem a burguesia em nível internacional e que devem se expressar de maneira brutal no Brasil e outros países da periferia do capitalismo.

O passar dos anos de 1988 para cá nos remete a um debate relevante: a quem serve a constituição e os poderes legalmente constituídos por ela? Seria factível debater um balanço desses 32 anos de validade da carta magna vigente, mas considerando todas as alterações efetivadas por meio de Emendas Constitucionais (ECs) não parece ser uma avaliação irreal a de que os poucos e poucos direitos que foram garantidos nos anos oitenta em base de

muita luta social se esfacelaram; podemos mencionar as diversas reformas ao redor da previdência e a imposição de um teto de gastos públicos se quisermos ficar apenas em exemplos mais recentes.

Seria necessário, portanto, pensar em um caminho de lutas e mobilizações que nos levem até uma assembleia constituinte livre e soberana que possa se desfazer de todos os entulhos acumulados constitucional e economicamente desde 1988. Que retome e concentre os diferentes poderes (executivo, legislativo e judiciário) para que, democraticamente, seja possível conceber outras formas de organização social que impulsionem valores e práticas que possam levar-nos rumo à construção de uma sociedade socialista que extermine de vez a doença pandêmica que já dura séculos chamada capitalismo. ↗

REFERÊNCIAS

DAVIS, Mike, et al.: **Coronavírus e a luta de classes**. Terra sem Amos: Brasil, 2020.

DAVIS, Mike. **O monstro bate à nossa porta**: a ameaça global da gripe aviária. Rio de Janeiro: Record, 2006.

HARVEY, David; ZIBECHI, Raúl; ŽIŽEK, Slavoj. **Coronavírus e a luta de classes**. Terra sem Amos: Brasil, 2020.